



Psicologia USP
ISSN: 0103-6564
revpsico@usp.br
Instituto de Psicologia
Brasil

de Salles Oliveira, Paulo
O ORVALHO QUE VEM DO MAR : SINGELA HOMENAGEM A ECLÉA BOSI
Psicologia USP, vol. 16, núm. 4, 2005, pp. 197-225
Instituto de Psicologia
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305128453009>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O ORVALHO QUE VEM DO MAR¹: SINGELA HOMENAGEM A ECLÉA BOSI

Paulo de Salles Oliveira²
Instituto de Psicologia - USP

Este estudo é uma singela homenagem à Profa. Ecléa Bosi e versa sobre aspectos pouco conhecidos de sua vida, a exemplo de suas traduções e poesias, assim como de sua prática militante, tanto no cotidiano como nas lutas sociais e ecológicas. Mostra sua originalidade no modo de fazer ciência, incorporando um olhar poético que traz ao texto leveza, sensibilidade e densidade. Estas qualidades fazem de seus trabalhos e atitudes referência fundamental não só para a Psicologia e as ciências humanas, mas para a prática universitária e para a produção do conhecimento, em todos os campos do saber.

Descritores: Bosi, Ecléa. Professora. Pesquisa. Poesia. Ciência. Militância. Cotidiano.

*“Gosto da gota d’água que se equilibra
na folha rasa, tremendo ao vento.*

*Todo o universo, no oceano do ar, secreto vibra:
e ela resiste, no isolamento.*

*Seu cristal simples reprime a forma, no instante incerto:
pronto a cair, pronto a ficar – límpido e exato.*

*E a folha é um pequeno deserto
para a imensidade do ato.”*

(Cecília Meireles, Epigrama n. 5)

1 Rosmarinnus, ou Alecrim, é o “orvalho que vem do mar”. Originariamente, foi assim denominado em razão do cheiro das flores vegetando à beira-mar, nas praias do Mediterrâneo. Na tradição popular, o alecrim é planta de grande significância. Atribui-se a ela qualidades terapêuticas e também as capacidades de purificar o ambiente, afastar más influências, consolidar amizades e infundir alegria de viver. Fonte: Herbário Aquiléa, Cotia – SP.

2 Docente do Instituto de Psicologia – USP. Endereço eletrônico: psalles@usp.br

Tratar de uma pessoa como Ecléa é ao mesmo tempo fácil e difícil. A facilidade vem das qualidades, muitas e inegáveis, que se inscrevem na biografia da pessoa, da professora, da pesquisadora, da escritora, da poetisa, da militante sensível... A dificuldade está em dar conta dessa multiplicidade de dons e, conforme o caso, até mesmo em identificá-los, de tão bem escondidos que foram pelo recato de sua portadora. Esconder significa deixar rastros, como disse Benjamin (1986, p. 188), mas o próprio autor completa: rastros invisíveis. Quem age com sentimento de ajudar, de ser solidário e de se doar ao outro oculta rastros discerníveis. Não vê razão em deixar transparecer este ou aquele feito e, menos ainda, algum sentido em divulgá-lo! Em Ecléa, a serenidade e a firmeza dos que buscam o que é justo, aliadas à timidez e à simplicidade, deixam as coisas mais impenetráveis.

Este texto não é uma biografia, não é um exame exaustivo e sistemático da produção intelectual e tampouco um inventário de conquistas da autora. Recolhe aqui e ali alguns traços, recupera algumas passagens, mostra certas facetas de uma figura humana admirável e inesgotável. Se for recebido como singela homenagem, grifando-se o *singela*, terá sua razão de ser – nada além disso. Por que a iniciativa de escrever? Para trazer a público alguns traços que são como que um tesouro para todos nós que temos a felicidade de conhecê-la. E assim partilhar, pouquinho que seja, com aqueles que ainda não tiveram esse presente da vida.

Escritos de poética ciência

Os leitores de Ecléa já conhecem a surpresa agradável de um texto profundo, sensível, leve, tocante e poético. Ades (2004, p. 234) fez o seguinte comentário, a propósito de uma coletânea de textos de Ecléa, recentemente editada (Bosi, 2003a):

Perpassa o texto um senso poético especial. Ecléa tem talento para captar o pormenor, redimindo e dignificando o cotidiano. É assim que se refere, de forma suave, à paz da cidade, quando cai a noite: “A seqüência de movimentos na calçada segue ritmos que aceleram e se abrandam em horas certas e vão se

O Orvalho que Vem do Mar: Singela Homenagem a Ecléa Bosi

extinguindo devagar quando as janelas se iluminam e as ruas se esvaziam. Depois, as janelas vão se apagando e fechando, menos alguma que resiste ainda, da qual escapa um som que finalmente silencia.”

Talvez exista quem pudesse confundir este proceder com idealização, isto é, com a atribuição de qualidades que o pesquisador, e apenas ele, imagina que os sujeitos estudados tenham. As diferenças de procedimento, porém, são enormes, pois, neste caso, não haveria o olhar interior, através do qual o estudioso se despe do que imagina saber e, humilde, procura enxergar e aprender na lente dos outros, a quem estuda. Além disso, e principalmente, o que Ecléa faz é interagir com os sujeitos de modo a propiciar condição e oportunidade para que se sintam livres e com vontade de se expressarem abertamente, sem reservas, sempre cuidando para que as indagações não sejam diretivas das respostas. Busca, enfim, criar condições para que possa ocorrer a alternância de condição: o pesquisador passa a ser objeto e o sujeito, a pessoa estudada - que, nesta circunstância, se assume como autor da reflexão sobre sua história. Ecléa sabe como ninguém promover sujeitos sociais e *Memória e Sociedade* (1979/2005) é exemplo singularíssimo desta sua imensa capacidade. Mas não o faz pela idealização e sim pela sensibilidade de criar, *com* os sujeitos estudados, ensejo para que possam revelar o melhor de si. Não por acaso, este anseio é justamente o grito que sai da alma de todo artista, como mostra a personagem central de *A Festa de Babette* (1987).

“*Na entrevista que a Profa. Ecléa fez comigo*” - conta Sebastião Ferreira, aluno da Universidade Aberta à Terceira Idade

tudo que eu dizia que fazia: torrava café, derriçava, capinava, lavava louça... cada vez que eu declinava estas coisas, eu sentia que ela me acompanhava, parecia que ela estava no campo comigo! (...) Parece que ela via minha infância e, através de mim, via meu sofrimento (...) Ela me acompanhou... uma pessoa que me ouviu. Então, não dá para esquecer.

Como será que Ecléa consegue este despreendimento de si, aproximando-se com suavidade e entregando-se ao drama vivido pelos sujeitos que estuda? Provavelmente pela doação, ou seja, por nutrir uma alma volta-

da para o outro. Maria do Carmo Reginato de Carvalho, professora aposentada de Psicologia Social da USP, oferece uma pista sugestiva. Vê em Ecléa

(...) uma espécie de guerreira, muito delicada, que vai quase à essência do relacionamento humano para resgatar e dar dignidade às pessoas. O Alfredo (Bosi) eu vejo assim também. Eu vejo uma pessoa de alma aberta para o outro e aí entram a política, a economia, entra tudo no relacionamento humano: muito humano, muito profundo, muito verdadeiro com as pessoas e com as coisas.

Já se percebe que caminho escolhido por Ecléa não é um caminho suave ou um desfile de concessões. Ao contrário, exprime luta difícil no rumo da humanização das interações sociais, ciosa como poucas das implicações destas práticas na produção do conhecimento. Seu esforço não tem sido em vão:

“*Paulo, o que eu queria dizer*” – narra Suzana Medeiros, professora da PUC-SP

é que eu coloco a Ecléa na mesma linha da Simone de Beauvoir, no sentido de que foi o livro da Simone de Beauvoir que chamou a atenção para a questão da velhice, no que ela designou “a conspiração do silêncio”. As pessoas sabem que o velho existe, conhecem, sabem até da contribuição que ele dá, mas há um silêncio absoluto sobre essa situação. É como se ele não existisse. Então, quando saiu o livro da Simone, o mundo tomou um pouco de atenção para este fato. Mas, eu acho que, depois, em 70, Ecléa fez isso no Brasil. Naturalmente, o livro da Simone teve alguma penetração, mas não tanto. Eu vejo pela universidade: o livro da Ecléa entrou na universidade. Ninguém dava valor a este tema... ninguém dá. Porque eu, por exemplo, tenho a experiência de implantar um programa de Gerontologia... a luta que é... as pessoas perguntam: mas isso é tema acadêmico? Sabe? É uma dificuldade! Eu acho que é muito duro aceitar a velhice... há uma rejeição! É como certas doenças. Tem gente que não fala nem o nome que é para não contaminar, não atrair. Envelhecimento é um pouco assim. Então, quando a Ecléa escreveu um livro sobre velhice, e foi uma tese de livre-docência, provou, portanto, que é um tema acadêmico, que se pode fazer ciência nesta área, com este tema. (...) O envelhecimento, a velhice é o tema do século XXI, pelo menos até a metade do século XXI. Porque a população está envelhecendo, há menos nascimentos e o mundo não sabe o que fazer com os velhos, não sabe! E estas duas pessoas chamaram a atenção.

Não foi, portanto, sem razão que *Memória e Sociedade* tenha merecido a atenção de importantes intelectuais brasileiros, dos quais aponto alguns

exemplos: Drummond agradece a Ecléa “pela sensação forte que seu livro admirável vem me proporcionando”; Octavio Ianni fala do texto como “uma linda lição de ciência e vida”; Paulo Sérgio Pinheiro diz que a “história social de São Paulo saltou léguas com esse mergulho magistral”; Flávio Rangel destaca que o livro demonstra “rara sensibilidade em relação aos seres humanos sobre os quais debruça” e Pedro Nava faz a seguinte confissão: “Lendo seu *Lembranças de Velhos* ganhei mais estímulo e coragem para continuar a escrever minhas memórias”.

De onde vem este olhar sensível de Ecléa, este coração aberto para o mundo? A Profa. Maria do Carmo Reginato de Carvalho conta que conheceu Ecléa como poetisa. Disse-me ela:

Um dos alunos dessa turminha (de Psicologia) me falou assim: “Eu preciso lhe apresentar uma colega que chegou da Itália: ela é maravilhosa, você tem que conhecer! Nós saímos da aula e ele me apresentou a Ecléa, de cabelo meio curtinho... ela me foi apresentada não como psicóloga, mas como poeta”! Traduzia Ungaretti... e foi assim que eu conheci a Ecléa, como uma poetisa, uma pessoa ligada à poesia.

A mesma Maria do Carmo narrou que, anos depois, já como orientanda de Ecléa, teve a felicidade de vê-la recitar o “Sabato del Villagio”, de Giacomo Leopardi (1798-1837), acentuando a musicalidade das rimas, mostrando que não eram de final, mas de tônicas e pausas. A tradução feita por Ecléa (1970) aqui está, para que o leitor possa também ensaiar:

O Sábado da Aldeia

Vem chegando do campo a donzelinha
Quando se põe o sol,
Com seu feixe de erva; e traz na mão
Um maço de violetas e de rosas,
Com que ela, graciosa,
A enfeitar se apresta
Amanhã, dia de festa, os cabelos e o seio
Das vizinhas no meio

Paulo de Salles Oliveira

Sobre a escada a fiar uma velhinha,
Naquele ponto onde se perde o dia;
E vai contando histórias do seu tempo
Quando em dia de festa se adornava,
E ainda fresca e esbelta
À noite ia dançar entre os que foram
Seus companheiros da idade mais bela.
Já todo o ar se esbruma,
Volta azul o sereno e as sombras voltam
Dos telhados, colinas,
Ao branquejar da recém-vinda lua.
Agora as campainhas
Anunciam a festa;
E aquele som dirias
Que a alma reconforta,
Os meninos gritando
Na pracinha em tropel,
E aqui e ali saltando,
Fazem grato rumor:
No entanto volta à sua parca mesa
Assobiando o lavrador,
Pensando vai no dia do repouso.

E quando em volta toda luz se apaga,
E tudo mais se cala,
Ouve o martelo dar, e ouve a serra
Do artesão que vela
Da oficina fechada à lamparina,
E se apressa e se esforça
Em terminar a obra antes da aurora
Este dos sete é o mais amável dia,
De esperança e alegria:
Amanhã tristeza e tédio

O Orvalho que Vem do Mar: Singela Homenagem a Ecléa Bosi

Trarão as horas e à mesma fadiga
Cada um voltará seu pensamento.

Rapazinho travesso,
Esta idade florida
É como um dia de alegria pleno,
Dia claro, sereno,
Que denuncia a festa de tua vida
Goza, menino meu, estado suave,
Leda estação é esta.
Nada mais te direi; mas a tua festa
Não te pese ao chegar mesmo que tarde.

José Gonçalves de Moura Filho, professor de Psicologia Social da USP, relatou-me que Ecléa sabe de cor várias poesias e as recita com uma interpretação que vem do fundo da alma, como a que fez com versos de Jorge de Lima (1893-1953), por ocasião de cerimônia comovente, realizada no Instituto de Psicologia da USP, em saudação póstuma à Profa. Rachel Lea Rosenberg:

Não a vaga palavra, corruptela
vã, corrompida folha degradada
de raiz deformada, abaixo dela,
e de vermes, além, sobre a ramada;

mas, a que é a própria flora arrebatada,
pela fúria dos ventos: mas aquela
cujo pólem procura a chama iriada
- flor de fogo, a queimar-se como vela;
mas aquela dos sopros afligida,
mas ardente, mas lava, mas inferno,
mas céu, mas sempre extremos. Esta sim
esta que é a flor das flores mais ardida
esta veio do início para o eterno
para a árvore da vida que há em mim

Paulo de Salles Oliveira

Como disse Cecília Meireles em carta a Paulo Rónai, depois reproduzida em artigo que ele mesmo fez (1964) a respeito da poetisa, “vale a pena pronunciar uma palavra que leve – através do mundo e não importa quando e a quem – um recado de entusiasmo e esperança”.

Essa mesma desenvoltura com a arte transparece em Ecléa nas situações mais amenas, quando, por exemplo, canções de música popular ganham uma intérprete afinada e melodiosa.

Ecléa igualmente traduziu (1966) Giuseppe Ungaretti (1888-1970):

Tudo perdi na infância
E não poderei mais
Esquecer-me num grito

A infância soterrei
No profundo das noites
E ora, espada invisível,
Me separa de tudo

De mim recordo que exultava amando-te
E encontro-me perdido
Em infinito das noites

Desesperança que incessante aumenta
A vida não é mais,
Preso ao fundo da garganta,
Que uma rocha de gritos

E também, em 1968, Eugenio Montale (1896-1981):

A enguia

A enguia, a sereia
dos mares frios que deixa o Báltico

O Orvalho que Vem do Mar: Singela Homenagem a Ecléa Bosi

para chegar aos nossos mares
aos nossos estuários, aos rios
que ela cruza profundo
sob a maré adversa
de ramo em ramo e depois
de capilar em capilar, adelgaçados
sempre mais no âmago, sempre mais no cerne
do rochedo, filtrando
entre veias de lama até que um dia
desfrecada uma luz dos castanheiros

acende-lhe a faísca em poças de água morta,
nos fossos que conjugam
os vales do Apenino até à Romanha;

a enguia, tocha, látigo,
flecha de Amor na terra,
que só as nossas furnas ou os ressequidos
riachos pirenaicos reconduzem
a paraísos de fecundação;
a alma verde que busca
vida onde somente
morde o ardor e a desolação,
a centelha que diz
tudo começa quando tudo parece
carbonizar-se, tronco sepultado;
a íris breve, gêmea
daquela que cravas entre os cílios
e fazes brilhar intacta em meio aos filhos
do homem, imersos no teu lado, como podes
não crê-la tua irmã?

Nasceram, ainda, traduções de Garcia Lorca e Rosalía de Castro (Bosi, 1966/1987). A respeito do livro de Rosalía, vários críticos literários de grande envergadura fizeram questão de se pronunciar: Otto Maria Carpeaux disse que “Ecléa Bosi presta pela tradução (e é excelente tradução) das poesias de Rosalía de Castro mais um serviço para ampliação dos nossos horizontes literários”; Nogueira Moutinho assinalou que Ecléa construiu “traduções admiráveis com fidelidade ao ritmo original, à secura austera do dizer galego” e Helena Silveira afirmou que “pela leitura dos versos traduzidos com tanto amor, vê-se que Ecléa tornou milagre o que foi definido como ‘empalhar a lua’, ou seja: traduzir autenticamente uma poesia autêntica”. Além da poetisa galega, Ecléa trouxe até nós pela tradução versos pouco conhecidos de camponeses ligados à Revolução Sandinista, na Nicarágua, como os que estão em “Poemas, as Armas deste Campo” (Bosi, 1990). Entre estes, os de Bosco Centeno:

Tem medo dos poetas, tirano

Tem medo dos poetas, tirano
porque nem com teus tanques sherman
nem com teus aviões a jato
nem com teu batalhão de combate
nem com tua escolta
nem com tua metralha
nem com quarenta mil marines
nem com teus rangers supertreinados
nem sequer com teu Deus
evitará que te fuzilem na história.

Se traduzir literatura poética não é tarefa fácil, é preciso dizer que o trabalho de Ecléa não se limita à tradução. Ela *tem* suas próprias poesias. Tive acesso apenas a duas, ambas prestando homenagem a pessoas iluminadas. Em “Epitáfio da Navegadora” (Bosi, 1965), a destinatária é Cecília Meireles (1901-1964), a quem Ecléa conheceu e dela recebeu livro autogra-

fado, que guarda com estimação; em “Trio” (1968), é ninguém menos que Martin Luther King (1929-1968):

Epitáfio da Navegadora

Cecília, Cecília
na Sombra!
Um ramo de adeuses.
Partindo em Novembro
Solombra!
Quem te leva adormecida
pelas dunas, pelas nuvens?
Num barco fechado
teu rosto é rosa
de severo olvido.

Ah! mar de cristal!
Ilha dos Açores.
Amar, de água e sal,
na rota distante
da Navegadora

A lira perfeita
e a canção que foi
desfeita em dores?
- Solombra!

Trio

I

Em Lambarene
a floresta sobe,
Em Lambarene
o sol é quente,

Paulo de Salles Oliveira

Em Lambarene
o médico e o órgão:
as mãos purificadas
da lepra que voaram
entre as cordas da morte
como as aves no sulco dos trigais

II

Carlitos toca violino
sobre um pátio distante,
pequeno judeu
no burgo sufocante
Orfeu inclinado
sobre o rangido
da férrea cidade.

III

Negro céu da América
as igrejas ardem,
místicas estrelas
as igrejas negras
partem como naves
do hemisfério norte.
'Por amor de Sião
não me cansarei,
Por ti, Jerusalém,
não descansarei.
Sentado em teus muros
não me calarei'

Martin Luther King
excelsa garganta
clarim.

Atenção e olhar aos esquecidos

A voz e os olhares de Ecléa sempre se voltaram para os esquecidos, para os que a sociedade colocou à deriva, para os humildes, para os simples. Foi assim com mulheres operárias em suas leituras (Bosi, 1971/2004) e com os idosos, numa época (1979/2005) em que não tinham a visibilidade dos dias de hoje. Através dela, conhecemos também os belíssimos textos e a vida despojada e solidária de Simone Weil (1979/1996), filósofa que deixou de lado sua formação letrada para lecionar Sociologia aos operários, lutar pela causa socialista, combater ditaduras, lutar contra o fascismo e, finalmente, tornar-se operária. Não obstante todos estes atos concretos de devoção ao outro, acabou seus dias na solidão, com tuberculose, em sanatório inglês. Ecléa percorreu vários dos caminhos de Simone. Num deles, se deteve diante da casa em que morou a filósofa-operária, nesta ocasião habitada pelo irmão, André Weil, nas proximidades do Jardim de Luxemburgo, em Paris. Postou-se diante da moradia, mas o recato foi tão mais forte que não deixou sua mão tocar a campainha.

Com Rosalía de Castro, em Padrón, na Espanha, as coisas foram diferentes. Na casa outrora habitada pela poetisa galega, ninguém mais ali estava, a não ser um misto de preservação e barbárie. Ouçamos da própria Ecléa o relato:

O visitante que chega a Padrón poderá visitar a casa com pilares de pedra, coberta de hera, onde Rosalía morreu. Já no caminho reconhecerá com emoção as torres do Oeste sem precisar de outro guia além da memória de seus versos. Poderá ver a mesa onde escrevia, a lareira com potes de ferro da antiga cozinha, a figueira que ela plantou. Mas, a casa pouco guarda de sua moradora: retocada e envernizada, todas as marcas do viver cotidiano foram apagadas. (Bosi, 1966/1987, pp. 26-27)

Onde, então, encontrar Rosalía? Ecléa responde:

Não encontramos Rosalía, como pensamos, ao pé das fontes, mas numa passeata de jovens que invadiu a Praça da Quintana, em Santiago, bradando aos vivos e aos mortos, em bom galego, a sua sede de justiça, entre bandeiras vermelhas e brancoazuis. (Bosi, 1966/1987, p. 27)

Quem sabe ali não estaria também Simone Weil? E Aurora Maria do Nascimento Furtado, aluna de Psicologia na USP e guerrilheira da ALN (Aliança Nacional Libertadora), morta pelos torturadores e depois lembrada, por iniciativa de Ecléa, para emprestar seu nome ao anfiteatro do prédio do Instituto de Psicologia da USP? E mesmo Yara Yavelberg, militante socialista, amiga de Ecléa e também estudante de Psicologia?

“A Ecléa dizia que, depois que a Yara morreu, ficou desesperada” – conta a Profa. Maria do Carmo Reginato de Carvalho.

Foi lá para Salvador, queria saber se era verdade que a Yara tinha tido um bebê e, se tivesse tido o bebê, ela queria cuidar. Ela falava que a Yara era muito forte e que havia sérias dúvidas se ela havia se suicidado ou não. Para mim, se se suicidou ou não, ambos mostram a coragem desta menina. Mas a Ecléa queria ir atrás para saber a verdade, entende?

Ecléa foi uma das fundadoras do Movimento de Defesa da Vida, destinado a se opor a experiências poluidoras e devastadoras da natureza. Entre as realizações deste movimento estão o combate pelo zoneamento em Cotia (restringindo a ação de empresas poluentes), a luta contra o projeto de se fazer um aeroporto internacional em Caucaia do Alto, assim como a resistência contra usinas nucleares, tanto na Juréia (litoral sul paulista) quanto em Angra dos Reis (litoral fluminense). Em algumas destas ocasiões, Ecléa ia à frente em passeatas, fantasiada como monstrinho da poluição, com um sino em uma das mãos. Essa atuação parece ter marcado Dias Gomes que, na novela “Selva de Pedra”, criou uma personagem, a professora militante de ecologia, inspirado em Ecléa. Além disso, os primeiros cursos de Psicologia Ambiental da USP foram por ela organizados e, anos depois, incorporados como atividades regulares na Biologia. Em 1980, vários intelectuais estavam unidos a políticos combatentes em prol de causas ecológicas. Um relatório escrito por Ecléa, chamado “Em Defesa da Vida”, assinalava que:

Em 1957, na Inglaterra, um erro humano provocou o vazamento de radioatividade de um reator, igual a 1/10 da radiação liberada pela bomba de Hiroshima, e obrigou o Governo a jogar fora todo o leite produzido num área de 500 km de distância do reator. Para comparação: o Rio está só a 133 km de Angra dos Reis. (Bosi, 1980)

Drummond, o poeta, ao saber deste relatório, assim se pronunciou:

Se eu fosse deputado, a esta hora, perderia o sono pensando nos riscos impostos ao país para nos envaidecermos de empreendimentos que buscam o chamado progresso e liquidam a segurança de viver. Mas, é preciso ser deputado para sentir o peso atroz dessa ameaça? Eu, homem do povo e escrivão público, participo desse terror. E acho que o Poder Legislativo tem obrigação de pedir contas desse programa assustador, desenvolvido a sua revelia e sob total ignorância do povo. (Andrade, 1980)

Não é, portanto, sem razão que Ecléa foi homenageada pela Câmara Municipal de Itanhaém, por iniciativa do vereador Ernesto Zwarg Junior em 1979, com o luminoso título de “Semeadora da Paz”. Em âmbito mais restrito - mas não menos importante e combativo - Ecléa sempre esteve presente nas lutas desenvolvidas pelas comunidades eclesiais de base, nos trabalhos comunitários dos padres operários de Osasco, em Vila Yolanda, ao lado de seu grande amigo, Padre Domingos Barbé, já falecido. Quando eu era aluno de doutorado e orientando de Ecléa, no final dos anos 80, lembro-me de sua participação no Clube dos Avós, em Cotia, experiência da qual – como de hábito – pouco falava, salvo em algumas raríssimas distrações. Nos dias atuais, folheando jornal da cidade de Cotia, eis Ecléa, tímida, quase escondida, entre os membros escolhidos para dirigir a Sociedade de Amigos do Bairro de Granja Viana (2005).

A professora e seu sorriso de quem veio do jardim da infância

Ao entrar na classe, os alunos logo vão notando sutis diferenças, a começar pelo cumprimento, com um sorriso especial. Maria dos Remédios Leopoldo das Graças, aluna da Universidade Aberta à Terceira Idade, assim descreve o modo de Ecléa se apresentar:

Ela chegou, deu bom-dia, se dirigiu à classe toda, num jeito espontâneo como é o dela, que ela é muito espontânea, e uma pessoa muito humilde, muito pacata... nem parece que é uma psicóloga! (...) Eu gosto muito da maneira como ela se veste, como ela chega na classe, com um sorriso que parece que ela não veio de

casa, veio de um jardim da infância, assim toda tranqüila, toda descontraída, com aquele sorriso assim de uma pessoa bem humilde, bem simples.

A presença de alunos mais velhos em classe, como Sebastião, Remédios e outros tantos da terceira idade, se deve a uma idéia de Ecléa: abrir as portas da Universidade de São Paulo a pessoas mais velhas de 60 anos, criando a Universidade Aberta à Terceira Idade. José Carlos Ferrigno, aluno do pós-graduação - e que trabalha no SESC de São Paulo com programas justamente voltados para a terceira idade - classifica como magistral o trabalho iniciado por Ecléa. Sem dúvida alguma, porque zelou, desde o início, para que os idosos não ficassem segregados e sim que se unissem às turmas regulares de alunos de graduação. Esse traço singulariza a experiência da USP em face de propostas congêneres, tanto no Brasil quanto no exterior. A peculiaridade no acolhimento dos mais velhos propicia espaço para um interessante diálogo entre gerações, cada qual se assumindo como diferente, mas convergindo na busca por pontos de identidade e por melhor entendimento dos conflitos e divergências. A princípio, tanto da parte dos jovens quanto dos velhos há um retraimento, mas ele se esvai na mediação da professora. Assim foi, por exemplo, com Níobe, com Maria de Lourdes, com Sebastião e também com os jovens, que, pelas mãos e palavras de Ecléa, viram resistências iniciais se dissiparem, de parte a parte. Um relato sugestivo vem de Santinez Pereira Monteiro da Luz, aluna octogenária que mora em São Miguel Paulista e demora três horas de ônibus para ir à USP e outras três para voltar para casa. A vontade de aprender é, porém, bem maior e prevalece sobre o transtorno e o cansaço das viagens:

Eu falei que queria fazer Psicologia, que era a matéria que eu sonhava estudar. Eu achei todo apoio nela e ela fazia de mim, gente. Eu sentia, ao pegar as mãos dela, que ela fazia de mim, gente! Ela me dava oportunidade para falar com os jovens, coisa que eu nunca tive. (...) Os jovens da USP me aceitaram muito bem. Eles brigavam até na hora de formar os grupos: “Não, a Dona Santinez vai para o meu grupo!” Isso, para mim, era uma honra, não é?

Uma tal aproximação entre gerações é facilitada pelo jeito de ser de Ecléa, a começar pela fala límpida, que é notada tanto pelos seus alunos

quanto por seus colegas: “*Há uma maneira acadêmica de se falar que, às vezes, é impenetrável*” – conta Suzana Medeiros, professora da PUC-SP.

(mas) ela é uma pessoa simples. Ela não complica nada – e isso é uma questão pessoal minha – eu tenho horror à soberba (risos), eu tenho horror! Eu sei que muitas pessoas tem uma cultura profunda, uma formação muito boa, mas eu não suporto essa exibição. E ela, a gente sabe que ela tem (essa cultura toda), mas ela é capaz de dizer as coisas de uma maneira tão simples que as pessoas entendem. (...) Eu acho essa uma das qualidades dela que eu aprecio muito.

Sebastião Ferreira, aluno da Universidade Aberta, discorre de modo original sobre esta mesma simplicidade:

O senhor vê a simplicidade dela no sentido de nos dar o telefone da casa dela, de eu ligar a hora em que quiser. Eu fiquei assim sem jeito. Falei: “Mas eu posso ligar para a senhora, mesmo?” “A hora em que você precisar”. A sala dela está à disposição, já me ofereceu isso. Porque, sem generalizar, mas a pessoa do nível dela costuma empinar o nariz e não olhar para o chão. Eu sinto que ela olha para o chão – este chão a que me refiro é o ser humano menor, o ser humano mais simples, que não teve oportunidade. Ela olha para isso, ela olha para o chão. Isso é o que eu senti e sinto... vou levar isso comigo. E também me fortalece, que nunca deixarei, em qualquer circunstância de minha vida, mesmo que eu venha a ter muito dinheiro, qualquer coisa... Deus também está no chão e quando eu encontro pessoas como ela... que olham para o chão... eu me sinto muito feliz.

Maria de Lourdes Ferraz Wey Martz, que principiou como aluna da Universidade Aberta e atualmente é orientanda de Ecléa no mestrado de Psicologia Social, assinala, todavia, que a clareza de pensar da professora nem sempre é percebida em sua real profundidade:

Às vezes, a Ecléa faz alguns paralelos e cita algumas coisas. Aquilo, para um aluno de graduação, pode até significar dispersão, mas se você pega aquilo e vai atrás vê que aquilo é complemento importante ao que está sendo dado.

E mesmo no pós-graduação, Maria do Carmo Reginato de Carvalho, à época de aluna, lamenta não ter ouvido alguns dos conselhos de sua orientadora:

Ela fazia interferências muito positivas e eu vou te dizer uma coisa: tudo que ela mandou eu tirar e eu, cabeça dura, não tirei, até me arrependo um pouco! (Risos) Ela foi tão legal que não precisei tirar: eram coisas mal arrematadas, ilusões da mente, verdadeiros fantasmas, sabe? Verdadeiros fantasmas da mente que aparecem no final, na hora de escrever... você entra em euforia, sei lá. Então, se eu tivesse seguido a mestra, rigorosa na análise e na reflexão [bate os dedos na mesa para enfatizar o que diz], eu teria feito um trabalho melhor, pelo menos mais apresentável, no mestrado e no doutorado.

Karen Ribeiro, quando fez seu mestrado, logo percebeu esse rigor de Ecléa, desejando certificar-se do modo pelo qual a aluna iria se relacionar com pessoas das classes populares:

Fiquei tocada com a preocupação que demonstrou com minha relação enquanto pesquisadora com a comunidade de Vila Yolanda, que ela bem conheceu na época da comunidade eclesial de base, no tempo da presença dos padres operários. Senti que queria ter a certeza de que teria uma posição ética com os moradores, que respeitaria a comunidade, que estabeleceria um vínculo com aquelas pessoas. Uma única conversa foi o suficiente para depois me presentear com matérias pessoais e empréstimos de livros raros. Até hoje sou fiel a estes princípios; posso dizer que fiz amigos durante a pesquisa e ainda mantenho contatos com a comunidade.

O Prof. José Moura Gonçalves Filho, de modo semelhante, narra que, quando ainda era estudante de graduação, ausentou-se de aulas de Ecléa para participar ativamente no movimento grevista dos metalúrgicos do ABC paulista.

Quando eu expliquei, ela imediatamente olhou para mim, com uma severidade danada, e me disse o seguinte: “Você está metido nisso a serviço deles de fato ou você pertence a algum grupo que pretende saber como lutar melhor do que eles?” Eu fiquei pálido; não pertencia a nenhum grupo assim, mas fiquei pálido. Ela virou-se, ainda severa, e disse: “Que é que você vai poder continuar fazendo pelos operários, depois que a greve acabar, se você não estudar Psicologia Social?” Ela que é de uma delicadeza a toda prova, nesta hora, não fez nenhuma concessão à delicadeza. Foi de uma franqueza absolutamente livre. E justamente a franqueza livre da Ecléa me protegeu porque pessoas violentas em geral não são nem sinceras nem livres. E ali eu não estava diante de uma comunicação violenta; eu estava diante de uma comunicação difícil, exigente, mas que também me marcou para o resto da vida e me orientou muito.

Considerações como estas mostram a presença da educadora, que não se omite a fazer comentários surpreendentes, mas capazes de promover no outro o despertar de sua consciência para a extensão social de seus atos. Esta a professora que, para Waldemiro Pereira da Silva, líder sindical e aluno da Universidade Aberta, simboliza pétala e luz: “*Que continuasse aquela pétala, aquela beleza que ela expressa no seu sentimento para com o ser humano, de ensinar, de educar, de orientar como uma luz que aparece na escuridão para as pessoas.*”

Níobe de Paula Ferreira da Costa, também da Universidade Aberta, não titubeia ao ressaltar o traço que mais a impressionou em Ecléa: “*Bondade: eu senti na Ecléa, bondade. É uma pessoa aberta, um coração muito bom.*”

Santinez caminha na mesma direção:

Eu nunca ouvi uma palavra da professora Ecléa que fosse alterada. Ela fala sorrindo... ela é agradável, muito agradável. Eu diria que ela é uma rosa sem espinhos (...) Rosa perfeita, de beleza, cor, perfume. Ela não é capaz de saber o quanto eu a amo de coração.

Remédios, em seu olhar cuidadoso, destaca solicitude às dúvidas dos alunos:

Ela estimulava as pessoas a se pronunciarem. E quando um aluno se dirigia a ela, ela não achava ruim porque interrompia. Eu notava a segurança e a capacidade dela nisso. Ela se voltava para o aluno, explicava, ficava uns cinco minutos conversando com aquele aluno e depois voltava dentro do assunto em que ela estava. Existem professores que, quando estão dando uma aula, demonstram que não querem ser interrompidos. E ela é o contrário: ela fazia questão que o aluno se dirigisse a ela e explicasse o que ele estava entendendo e se ele queria algo mais.

Formidável alento ocorre quando se observa, na prática diária de Ecléa, posturas que ela própria nos ensina a cultivar a partir do exemplo de Gandhi (Bosi, 2003a). Uma mudança radical ocorre quando as pessoas se assumem como limpadoras, removendo os resíduos que deixaram com sua presença.

“*Quando ela ia limpar o quadro*” - prossegue Remédios

e precisava só de um trecho, pois ela limpava o quadro inteiro! Depois limpava a esponja e guardava limpa. Era uma coisa assim de uma pessoa que a gente nota que é caprichosa, que faz as coisas por inteiro e deixa sempre a tarefa completa para, quando um outro chegar, achar o quadro limpo.

Um tal proceder é fulgurante, mas para quem o pode discernir. Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes, professor de História da Faculdade de Filosofia da USP, nos facilita a percepção:

Às vezes, num primeiro momento, eu poderia achar ingênuas algumas de suas posturas e atos, mas logo via que se tratava de uma lógica incontaminada e implacável (...) Uma vez definidas as regras do jogo, vai até a última das conseqüências, sem esquecimentos, negociações e desvios.

Maria Paula Crepaldi Ferreira, aluna do mestrado, mostra-se sensível a este modo emblemático de ser e agir:

Gosto da maneira como ela resiste à racionalidade e à frieza do mundo moderno, nos mínimos detalhes da vida cotidiana. Tenho a impressão de que ela procura ter muita coerência entre o que pensa e faz, não só como forte princípio moral, mas também para servir de exemplo aos alunos.

Alunas atentas, como Remédios, ao mesmo tempo em que não se desviam da aula tampouco deixam de reparar no modo de se vestir e de se arrumar da professora:

Ela tem roupas que são típicas de pessoas muito caprichosas: em bordados, costuras... um tipo de roupa que a gente não acha em lojas (risos). Nas minhas caminhadas, eu me lembro dela, da maneira de ela chegar na classe, das roupas com que ela vinha, o modo de pentear; ela gostava muito de por uma presilha assim (mostra com as mãos), só de um lado; às vezes, usava duas, às vezes deixava solto; outras vezes, atrás da orelha... Os óculos dela caíam um pouco e ela suspendia (risos).

A menção ao gosto de caminhar traz uma prática que une aluna e professora. Ecléa sempre gostou de andar a pé. Nos tempos em que a Psicologia funcionava num casarão da Alameda Gleite, no bairro de Campos Elíseos, em São Paulo - prédio do qual restou apenas uma figueira (Ades, 2004) -,

Ecléa chegava a trocar o dinheiro do coletivo por deliciosas balas de banana e ia a pé dali até a Rua Melo Alves, no bairro da Consolação, percurso que dista cerca de seis quilômetros, com muitos e muitos aclives. É possível que nestes trajetos, e deparando-se frente a frente com os contrastes sociais da cidade grande, tenha se aproximado de Marx e do ideário socialista.

A fala de Remédios remete ao fato de que, nas aulas, além dos muitos ensinamentos brota enorme afeto, como complementa Mariane Lemos Lourenço, doutoranda em Psicologia Social:

Nunca vou esquecer que, no último dia de aula, todos os alunos – após Ecléa se despedir – ficaram parados. Ninguém tinha coragem de se levantar para ir embora. Ficamos todos sentados por alguns minutos para aproveitar os últimos instantes daquelas aulas. A professora Ecléa, naquele dia, se despediu mais de uma vez, mas ninguém se mexeu. Depois de alguns minutos, todos a aplaudiram novamente e foram se levantando, devagar, um a um, abraçando-a e agradecendo pelas aulas. Foi difícil para todos o ir embora, mas ela ficará para sempre no tempo vivo da memória de cada um de nós.

Não foi à toa que o Prof. Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes tenha assinalado: *“Se devesse sintetizar em uma frase o que Ecléa representou para mim, diria que (...) ela deixou marcas mais profundas do que ela mesma poderia imaginar. Do que eu mesmo tinha imaginado, antes de traçar estas linhas.”*

Amiga e acolhedora, a lembrar o lado encantador da vida

Não houve quem deixasse de apontar em Ecléa o calor humano, a amizade, o afeto e a imensa capacidade de acolher os outros. Alunos de pós-graduação, que viajam de outras cidades para São Paulo para fazer a disciplina de Ecléa, destacam além da excelência dos ensinamentos a postura de apoio, a palavra carinhosa, que encoraja a vencer a barreira da distância. Os alunos da Universidade Aberta, por sua vez, reencontram no carinho da professora o estímulo para prosseguirem estudando e, não raro, descobrem den-

tro de si uma alegria de viver que há tempos não experimentavam. Sebastião Ferreira conta que:

Eu, com meus botões, falei: “Ferreira, você está aqui porque acredita na continuidade de alguma coisa. Porque, se não, você estaria estourando por aí em botecos da vida.” E é isto que a professora Ecléa mostra, sem colocar religião: o sentido da continuidade de alguma coisa em nós. Isso eu senti. (...) Se não tenho uma perspectiva de continuidade, para que viver, não é? Eu acredito que eu não fui criado para terminar aqui e acabou. Acredito numa coisa superior a esta carcaça.

Maria de Lourdes é outra a testemunhar o acolhimento: “*Ela recebe, ela acolhe. Ninguém de nós (da terceira idade) se sentiu estranho, estrangeiro no meio da classe.*”

Santinez acentua e prolonga este comentário:

O que eu fiquei mais emocionada com ela foi a atenção que ela me deu, a escolha que ela fez de mim (para capa e entrevista do programa da Universidade Aberta à Terceira Idade). Porque quantas senhoras de classe existem lá, de boa presença, bonitas, brancas, novas e ela me escolheu como aluna-símbolo!

Waldemiro, líder sindical e socialista, fala da importância do apoio:

Essa aproximação com ela foi muito rica... uma pessoa dinâmica que nos estimula, apesar dos anos que a gente tem, para ir mais à frente; dá apoio, trata todos na classe como iguais. Para mim, foi uma abertura que me deu vontade de avançar na Psicologia Social porque vem ao encontro de meus ideais de aprofundar a relação humana.

Remédios sublinha a importância do afeto:

Ela é uma pessoa extraordinária, muito humana; ela sabe realmente conviver com a massa humana, pessoas assim que precisam... Não é uma questão de carência no afeto. São pessoas que realmente precisam de alguém que lhes dê um apoio, que lhes dê uma segurança.

Enquanto aluna, Remédios recebe com prazer este carinho e procura retribuí-lo a seu modo, oferecendo-se para carregar a sacola - Ecléa invariavelmente passa pelos corredores levando pesadas sacolas com livros, teses e

documentos para emitir pareceres – ou simplesmente demonstrando à professora como é bom estar perto dela e assim deixar marcada a admiração:

Uma coisa que eu achei magnífica nela foi quando ela estava na casa dela arrumando uma estante e ela escorregou, caiu e mandou uma mensagem para a gente dizendo que não era possível comparecer. Depois, quando ela retornasse, explicaria. Aí eu dei uma de adolescente. Quando ela voltou e deu bom-dia, a turma começou a sentar e eu fiz o contrário. Eu me levantei e fui lá na mesa, dei bom-dia pessoalmente e falei: “Professora, a senhora está melhor?” Ela falou: “Eu vou já responder, para você e para os demais” (...) Eu achei engraçado o modo como eu agi... como adolescente!

Se Remédios soubesse que os alunos de pós-graduação da turma em que estava Mariane Lemos Lourenço também não queriam se apartar do convívio com a professora, talvez amenizasse o reparo que fez a si própria. Na verdade, alunos de todas as idades sentem quando uma professora além de educadora brilhante é, além disso, uma pessoa amiga que ama o que faz e distribui este amor a seus alunos.

O amor pela vida, em Ecléa, se oferece não só nos momentos mais rissonhos. A Profa. Maria do Carmo Reginato de Carvalho conta de seu sofrimento na pesquisa ao se defrontar com a aridez das condições na linha de montagem, dentro da fábrica. Ecléa lhe dizia que entendia este sofrimento, mas enfatizava igualmente que a vida tem seu encanto, mesmo quando percorremos cenas sombrias.

Outra que percebeu este traço luminoso em Ecléa foi Suzana Medeiros, professora da PUC. Curioso é que a narrativa que faz se refere a um fato que me envolve também:

(Na conversa que tivemos), Ecléa me relatou que foi mordida por uma cobra. Eu tenho um medo danado! (risos) E que ela foi internada lá no Butantã. Mas ela não falou: “Que coisa horrível!” Ela disse-me assim: “Eu acordei muito cedo e, de repente, veio a bandeja de café com leite”. E ela exclamou: “Que coisa deliciosa!”

Eu nunca mais esqueci aquilo!

Preciso mencionar que este fato ocorreu às vésperas de meu exame de qualificação para o doutorado em Psicologia Social, na USP, em 12 de dezembro de 1990. Ecléa saiu do hospital, foi à sua casa se aprontar e rumou imediatamente para o Instituto de Psicologia, pois era a orientadora. Só depois que a prova se transcorreu é que vim a saber do acontecido. E, agora, anos mais tarde, esta nova surpresa: ao invés do lamento, Ecléa preferiu se inclinar para a delícia contida numa simples xícara de café com leite. Tanto quanto Suzana, também não hei de me esquecer disso. Por isso, peço licença a Adélia Prado para fazer um ligeiro acréscimo em seu prefácio a um livro de histórias feito por Ecléa (2003b, p. 7): “*Velhos Amigos* me acordou paisagens onde jabuticabeiras ainda frias de orvalho e cacarejos de galinhas zangadas compõem um mundo sem sobressaltos, onde contar histórias parte de um bom café (*com leite*).”

Esse coração, que é capaz de pulsar pelos dramas do outro, Ecléa emprestou em parte de sua mãe, Dona Emma, sempre indignada com as injustiças, onde quer que acontecessem. Confiante que um sentimento humanitário habitava mesmo os mais embrutecidos, escrevia cartas a líderes e dirigentes máximos das nações pedindo que reconsiderassem a situação aflitiva e propusessem medidas que minorassem o sofrimento dos humildes.

Soube também que, num dia de agosto de 1968, quando a ditadura mostrava suas facetas mais ásperas, Ecléa e Alfredo receberam a visita de um casal. Conheciam o rapaz, mas não a moça que o acompanhava. Quando lhes foi oferecido café com biscoitos, foi impossível não notar a voracidade com que reagiram diante dos alimentos. Num dado instante, apareceu a verdadeira causa da presença deles ali. Vieram pedir que Ecléa e Alfredo os acolhessem, pois, tendo escapado do cerco que a polícia montou para aprisionar os estudantes que participaram do Congresso de Ibiúna, estavam sendo procurados pelos órgãos de segurança. Todos podem antever qual foi a resposta do casal e, assim, não obstante a ameaça constante do perigo, os dois ali ficaram até janeiro do ano seguinte. O rapaz é falecido e a moça é hoje uma importante pesquisadora brasileira residente na França.

Alma aberta, casa aberta, solidariedade exercitada na prática diária, assim é Ecléa, um verdadeiro coração capaz de bater pelo mundo, como diria Simone Weil.

Uma outra forma de fazer ciência

Tudo que até aqui foi sumariamente apontado registra uma cientista singular. Nas práticas cotidianas e na vida acadêmica, há uma trajetória que supera a fragmentação, a competição, a disputa por verbas e o envolvimento em causas mesquinhas. Esse modo de ser, aliado a um rigor obstinado em sua sólida formação, fizeram com que a produção intelectual de Ecléa superasse de longe os limites da Psicologia Social. Sua obra e sua vida formam hoje uma referência necessária para o conjunto das ciências – não apenas para as da área de humanas. Porque ultrapassam a especialização e a segmentação, que tanto encanto ainda exercem sobre grande parte dos intelectuais. Quando estes ficam aprisionados por índices nada mais que numéricos, supostos indicadores de proficiência e produtividade, enxergam-se sempre comparativamente em relação aos pares, perpetuando disputa infinita entre si, na ânsia por melhores escores gerais de produtividade, com o perdão da palavra. É um embate que, ao invés de engrandecer, os apequena.

“A cultura contemporânea” – afirma Olgária Matos (2003), ao comentar um livro de Ecléa

exalta a relação à distância e o “tempo real” das novas mídias, incapazes de criar qualquer sentimento de comunhão, de solidariedade, de fraternidade; a comunicação, para a autora, requer um mundo moral e cultural comuns. Ecléa Bosi nos mostra sua dissolução no universo presidido pelos particularismos políticos, sociais, étnicos e pela informação midiática que mobiliza e cria estereótipos, isto é, intolerância.

São pessoas como Ecléa, raras – é preciso dizer, que fazem da universidade um centro de partilha universal, a oferecer conhecimentos e práticas capazes de lembrar e reconstituir propostas tão dilaceradas quanto comu-

nhão e solidariedade, procurando não apartar ninguém, particularmente os que a sociedade destituiu de cidadania. Essa resistência vêm dos grandes mestres porque sua erudição não foi feita para ostentar ou sobrepujar colegas, mas para compartilhar com seus semelhantes saberes que dignificam a humanidade. Para tais expoentes, entre os quais está Ecléa, a universidade é um caminho de aproximação renovada com o humano.

Ao se penetrar nos mistérios dos dramas sociais, nas entranhas das interações entre seres humanos, é preciso cuidado. Os textos de Ecléa mostram os limites das técnicas, particularmente as de pesquisa, e a necessidade de se aproximar das pessoas estudadas, buscando desenvolver um olhar interior dos problemas por elas vividos. O pesquisador necessita estar convicto de que deve se submeter a um aprendizado difícil para desenvolver sua sensibilidade, alargar sua percepção da densidade da vida e, assim, antes de ensinar, aprender com os outros que estuda. Este respeito ao semelhante envolve zelar pelas implicações éticas dos gestos e das práticas de pesquisa, sem o que a ação intelectual se barbariza. Da conjunção de tais práticas e pensamentos, opera-se a conversão do emprego acrítico de técnicas em uma relação de simpatia pelas pessoas e por sua luta diária, sinal de que o pesquisador não deseja com seu trabalho esquadrihar o universo social, mas sim habitar as coisas deste mundo e, no melhor estilo de Hannah Arendt (1988), assumir sua parcela de responsabilidade tanto pelas pessoas quanto pelo mundo. Trata-se de ciência, sim, mas construída de outro modo, no qual também a expressão poética têm presença importante, pois chega - como me disse um dia o professor e sociólogo Oswaldo Elias Xidieh (1915-2002) - onde as teorias não podem alcançar. Uma das maestrias de Ecléa é justamente alinhar densa e suavemente as linhas da razão às da sensibilidade, compondo estampa multicolor, que se ajusta aos seres humanos favorecendo nuances e movimentos.

Não é fácil exprimir o quilate de grandeza de Ecléa. Para o Prof. José Moura Gonçalves Filho ela é como que uma estrela-guia; já, para Sebastião Ferreira, uma pessoa que olha para o chão (no sentido do reconhecimento das pessoas humildes). Ambos foram muito felizes na imagem: a estrela brilha no céu e também espelha seu reflexo em simples poça d'água. Assim,

O Orvalho que Vem do Mar: Singela Homenagem a Ecléa Bosi

de um modo ou de outro – ou nos dois simultaneamente – nos ajuda com sua presença a discernir os encantos da vida.

Nota final. Não poderia deixar de agradecer aos professores Alfredo Bosi, José Moura Gonçalves Filho, Maria do Carmo Reginato de Carvalho, Suzana Aparecida da Rocha Medeiros e Ulpiano Toledo Bezerra de Menezes. E, também, às amigas Aparecida Angélica Z. Paulovic Sabadini e Vera Lúcia Nagib Bittencourt. Sou grato aos alunos de pós-graduação de Ecléa - José Carlos Ferrigno, Karen Ribeiro, Maria Paula Crepaldi Ferreira e Mariane Lemos Lourenço – que também foram ou ainda são meus orientandos. Devo a Maria de Lourdes Ferraz Wey Martz a possibilidade de conhecer outros alunos de Ecléa, que se inscreveram na Universidade Aberta à Terceira Idade. São eles: Helena Bosvoliev Rodrigues, Maria dos Remédios Leopoldo das Graças, Níobe de Paula Ferreira da Costa, Santinez Pereira Monteiro da Luz, Sebastião Ferreira e Waldemiro Pereira da Silva.

De todos, recebi acolhimento carinhoso, lições preciosas e luminosa energia de vida.

Oliveira. P. de S. (2005). A dew coming from the sea: Simple tribute to Ecléa Bosi. *Psicologia USP*, 16(4), 197-225.

Abstract: This study is a simple tribute to Profa. Ecléa Bosi. It shows some unknown aspects of her life, as her tradutions and poetries, and her militant acting, from the daily life to social and ecological figths. Presents her peculiar way of producing science, adding a poetical look that brings lightness, sensibility and density to the text. These qualities make her work and actitudes as a fundamental reference not only to Pshycology and to all human sciences but to universitary practices and to knowledge production in every field it may be done.

Index terms: Bosi, Ecléa. Teacher. Research. Poetry. Science. Militancy. Daily life.

Oliveira, P. de S. (2005). La rosée qui vient de la mer: simple hommage a Ecléa Bosi. *Psicologia USP*, 16(4), 197-225.

Résumé: Cette étude est un simple hommage au Pr. Ecléa Bosi et concerne des aspects peu connus de sa vie, à l'exemple de ses traductions et poésies, ou de son militantisme tant au quotidien que dans les luttes sociales et écologiques. Elle montre son originalité dans sa façon de produire de la science, en incorporant un point de vue poétique qui apporte au texte légèreté, sensibilité et densité. Ces qualités font de ses ouvrages et de ses attitudes une référence fondamentale non seulement pour la Psychologie et les sciences humaines, mais aussi pour la pratique universitaire et la production de la connaissance, dans tous les champs du savoir.

Mots clés: Bosi, Ecléa. Enseignante. Recherche. Poésie. Science. Militantisme. Vie quotidienne.

Referências

- Ades, C. (2004). A memória partilhada [Resenha]. *Psicologia USP*, São Paulo, 15(3), 233-244.
- Andrade, C. Drummond de. (1980, 21 de junho). Se eu fosse deputado. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro.
- Arendt, H. (1988). *Entre o passado e o futuro* (2a ed., M. W. B. Almeida, trad.). São Paulo: Perspectiva.
- Benjamin, W. (1986). Revelações sobre o coelho de Páscoa ou a arte de esconder. In W. Benjamin, *Documentos de cultura, documentos de barbárie*. São Paulo: EDUSP; Cultrix.
- Bosi, E. (1965, 20 de fevereiro). Epitáfio da Navegadora. *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo*, São Paulo, p. 3.
- Bosi, E. (1966, 20 de agosto). Tutto ho perduto. *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo*, São Paulo.
- Bosi, E. (1968a, 18 de maio). A enguia (de Eugenio Montale). *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo*, São Paulo.
- Bosi, E. (1968b, 20 de abril). Trio. *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo*, São Paulo.

O Orvalho que Vem do Mar: Singela Homenagem a Ecléa Bosi

- Bosi, E. (1970, 13 de junho). O Sábado da Aldeia (de Giacomo Leopardi). *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo*, São Paulo.
- Bosi, E. (1980). Em defesa da vida. In F. Moraes et. al., *Não às usinas nucleares* (pp. 49-51). São Paulo: Alfa-Ômega.
- Bosi, E. (1987). Duas palavras sobre Rosalía. In R. Castro, *Rosalía de Castro – Poesia* (Seleção e tradução de Ecléa Bosi). São Paulo: Brasiliense, 1987. (Primeira edição 1966)
- Bosi, E. (1990, julho-agosto). Poemas, as armas desse campo. *Nossa América*, São Paulo, (3), 27-29.
- Bosi, E. (2003a). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê.
- Bosi, E. (2003b). *Velhos amigos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2004). *Cultura de massa e cultura popular. Leituras de operárias* (10a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Primeira edição 1971)
- Bosi, E. (2005). *Memória e sociedade. Lembrança de velhos* (12a ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Primeira edição 1979)
- A festa de Babette*. (1987). [Filme / vídeo]. Direção de Gabriel Axel, Dinamarca, 1987. Com: Stéphane Audran, Brigitte Federspiel, Bodil Kjer, Videke Hastrup, Hanne Stensgaard, Bibi Andersson.
- Jornal d'Aqui*. (2005, 2a quinzena de maio). Cotia, SP - Granja Viana.
- Matos, O. (2003, 9 de agosto). Dramaturgia de recordação. *Folha de S. Paulo (Jornal de Resenhas)*, p. 7.
- Rónai, P. (1964, 14 de novembro). Adeus a uma amiga. *Suplemento Literário de O Estado de S. Paulo*.
- Weil, S. (1996). *A condição operária e outros estudos sobre a opressão* (2a ed., seleção e organização de Ecléa Bosi; tradução de T. G. G. Langlada). Rio de Janeiro: Paz e Terra. (Primeira edição brasileira 1979)

Recebido em: 26.09.2005

Aceito em: 31.10.2005